

Introdução à Análise de Correspondência Múltipla para as ciências sociais

Pedro Grunewald Louro (USP); Francesco Tomei (USP); Mariana Oliveira (UFSCar)

PROGRAMAÇÃO DO MINICURSO

1ª e 2ª aulas – O que é uma ACM e para que serve?

Nem um texto, nem uma equação, a ACM interpela a sociedade como um espaço. Nestes primeiros encontros, apresentamos os traços mais elementares de uma ACM, assim como os seus interesses epistemológicos, em duas frentes. De um lado, discutimos como a técnica nasce como uma resposta aos efeitos teóricos, e quiçá políticos, da hegemonia dos modelos lineares (como a regressão simples, mas não apenas) nas ciências sociais; e, de outro, discutimos como ela busca interiorizar algumas teorias a respeito do mundo social (uma ontologia antiessencialista, a primazia das categorias práticas na construção da realidade social e o caráter relacional das lutas sociais e da produção de identidades coletivas), provenientes de diferentes expoentes da filosofia da linguagem e em seguida reunidas pela Sociologia Crítica de Pierre Bourdieu.

Bibliografia indicada:

Bourdieu, P. “Uma revolução conservadora na edição”. *Política & Sociedade*, v. 17, n. 39, p. 198-249, 2018. (para um exemplo de ACM)

Para aprofundar no tema dos modelos lineares:

Abbott, A. “Transcending General Linear Reality”. *Sociological Theory*. v. 6 n. 2, p. 169-186, 1988.

3ª aula – Construção da base de dados e os dilemas de categorização

Na ACM, a definição das categorias que distribuem diferencialmente as propriedades da população em questão não se resolve logo no início da pesquisa, mas perpassa todo o processo de análise, com implicações decisivas nos seus resultados. Por isso, o segundo encontro é dedicado a explicitar as decisões que o pesquisador precisa encarar durante a construção de seus instrumentos de pesquisa e, posteriormente, de sua base de dados (delimitação da unidade de observação; acesso à informação; ponderações entre generalização e singularização e entre parcimônia e pertinência das questões de pesquisa). Para tanto, discutimos duas vertentes de construção de base de dados: a elaboração tanto de questionários e surveys, quanto de prosopografias (i.e., a biografia de um grupo social) informadas por dados públicos e por entrevistas semiestruturadas.

Bibliografia indicada:

Klüger, E. “Análise de correspondências múltiplas: fundamentos, elaboração e interpretação”. *BIB*, n. 86, p. 68-97, 2018. (para uma introdução aos momentos de realização uma ACM)

Para aprofundar no tema da delimitação categorial da realidade empírica Passeron, J-C. “O que diz uma tabela e o que se diz dela - a linguagem das variáveis e a interpretação das ciências sociais”; “A encenação e o corpus - biografias, fluxos, itinerários, trajetórias”. In: _____. O raciocínio sociológico: o espaço não-popperiano do raciocínio natural. Editora Vozes. p. 122-147; 204-227, 1995.

Desrosières, A. “How Real are Statistics? Four Possible Attitudes”. Social Research, v. 68, n. 2, p. 339-355.

4ª aula – Do que é feita uma ACM? (organização e leitura dos eixos de oposição)

A partir deste encontro, o minicurso se aprofunda na dimensão mais operacional da ACM. Discutimos a racionalidade da técnica em termos das fórmulas fundamentais para a sua estruturação, assim como os seus resultados na qualidade de informações estatísticas e de representações gráficas. Nesta primeira parte, o enfoque recai na compreensão dos eixos de oposição que organizam o espaço modelizado pela ACM à medida que melhor reduzirem a multidimensionalidade que o banco de dados abrange. Apresentamos também as funcionalidades dos programas existentes (R e SPAD) para “rodar” uma ACM.

Bibliografia indicada

Bertoncelo, E. “Análise de correspondências múltiplas: construindo e interpretando a nuvem de modalidades”. In: _____. Construindo espaços relacionais com a Análise de Correspondências Múltiplas: aplicações nas ciências sociais, ENAP, p. 24-77, 2022.

5ª aula – Do que é feita uma ACM? (distância entre agentes e formação de clusters)

Dando continuidade ao encontro passado, avançamos a discussão da racionalidade da ACM ao examinar como os agentes (ou as linhas como unidades de observação) adquirem posições diferenciais de acordo com as propriedades (ou as modalidades de variáveis como colunas) que participam ativamente da estruturação do espaço. Nesse sentido, discutimos a técnica complementar da Análise de Classificação Hierárquica (ACH) que, com base nos eixos de oposição da ACM, produz agrupamentos ou clusters que excluem e incluem os agentes de acordo com a diferença e repetição das suas propriedades partilhadas.

Bibliografia indicada

Bertoncelo, E. “A construção de tipologias: combinando a ACM com técnicas de agrupamento”. In: _____. Construindo espaços relacionais com a Análise de Correspondências Múltiplas: aplicações nas ciências sociais, ENAP, p. 122-139, 2022.

6ª aula – Oficina prática de ACM

Neste encontro final, voltamo-nos frontalmente às questões práticas suscitadas pela ACM, em particular ao atendimento a projetos de pesquisa do público interessados em

se valer da técnica. Igualmente constitui uma oportunidade para tratar as dúvidas do público, tendo em vista a densidade do conteúdo programático. Finalmente, seria ainda um tempo interessante para os ministrantes apresentarem seus próprios resultados, explorando como a ACM contribuiu para suas pesquisas no âmbito das ciências sociais, assim como os dilemas práticos vividos por eles.

Principais referências

Benzécri, J-P. *L'analyse des données*, Paris, Dunod, 1973

Benzécri, J-P. *Histoire et préhistoire de l'analyse des données*, Paris, Dunod, 1982.

Hjellbrekke. *Multiple Correspondence Analysis for the Social Sciences*. Paris-Tech, 2019.

Le Roux, B.; Rouanet, H. *Geometric Data Analysis. From Correspondence Analysis to Structured Data Analysis*. Dordrecht: Kluwer. 2004

Le Roux, B.; Rouanet, H. *Multiple Correspondence Analysis*. Thousand Oaks: Sage, 2010.

Lebaron, F.; Le Roux, B. (orgs.). *La méthodologie de Pierre Bourdieu en action. Espace social, espace culturel et analyse de données*. Paris: Dunod, 2015.

Lebaron, F. "Geometric Data Analysis as a Tool for Reflexivity". *Historical Social Research*, v. 46, n. 2, p. 126-154, 2021.